

## O contágio como revelação da necessidade de humanização dos homens

### How Contagion Reveals the Need for Humanization among Man

Milene Couto <sup>1</sup>

GIORDANO, Paolo. **No contágio**. Tradução de Davi Pessoa. Belo Horizonte, Veneza: Editora Âyiné, 2020.

Dentre as doenças que se tornaram pandemias, nenhuma se espalhou tão rapidamente pelo mundo como a Covid-19, doença causada pelo vírus Sars-CoV-2, popularmente conhecido como o novo coronavírus. O primeiro alerta sobre o surgimento da doença, que veio da cidade de Wuhan, na China, foi divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019. Em menos de três meses, no dia 11 de março de 2020, a OMS classificou a doença como uma pandemia e, desde então, orienta o isolamento social para conter a propagação acelerada do vírus.

Em um mundo no qual estamos cada vez mais integrados pelos diversos modais de transporte, as distâncias geográficas parecem diminuir, o que permite uma disseminação cada vez maior no contágio. A globalização é um processo que intensifica ainda mais essa conexão, deixando evidente a relação entre os planos local e global. A realidade, assim, se mostra a cada dia mais complexa, o que requer uma visão holística. Desse modo, a perspectiva egocêntrica do homem moderno acerca da realidade torna-se equivocada, na medida em que impossibilita uma ação adequada sobre ela. Para perceber a realidade em toda sua complexidade, é preciso entendê-la como um sistema de relações interligadas e construir uma visão global.

Esta resenha tem como objetivo realizar uma abordagem crítica das reflexões acerca da pandemia causada pelo novo coronavírus, trazidas pelo autor Paolo Giordano em seu último livro *No contágio*. Assim, apoio-me nos seus escritos para refletir, a partir de uma visão holística, o que a pandemia nos revelou até aqui. Este trabalho se torna relevante para que possamos tomar consciência da dimensão de nossas ações e encarar com maior responsabilidade esse e outros acontecimentos dessa natureza. Para tal fim, destaco a percepção

---

<sup>1</sup> Possui bacharelado em Ciências Ambientais pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e é graduanda em Letras Português/Italiano na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

do autor de que a saúde do homem depende não apenas de suas ações individuais, mas também de uma ação coletiva de sua comunidade em equilíbrio com o meio em que vive.

*No contágio* começa a ser escrito em 29 de fevereiro de 2020 e é finalizado em seis dias, antes mesmo de a quarentena ser decretada na Itália, no dia 9 de março deste ano. Nesse momento, o país se tornava o epicentro da doença e começava a sofrer as consequências da rápida propagação do novo vírus. É nesse contexto que o escritor e físico italiano Paolo Giordano concebe seus escritos e nos convida a refletir não apenas sobre o contágio da doença provocada pelo vírus, mas, principalmente, sobre as mudanças de comportamento que a experiência do contágio pode ou deveria provocar na nossa sociedade, como diz o autor:

Não tenho medo de ficar doente. De que, então? De tudo aquilo que o contágio pode mudar. De descobrir que o alicerce da civilização que eu conheço é um castelo de cartas. Tenho medo da anulação, mas também do seu oposto: que o medo passe sem deixar para trás uma mudança (GIORDANO, 2020, p. 23).

O livro de 76 páginas se estrutura em 27 pequenos capítulos nos quais o autor relaciona episódios de sua vida particular a análises sobre a dinâmica do contágio e reflexões sobre os efeitos da atual pandemia nas nossas relações. Sua obra parte de uma interpretação matemática do contágio, pois afirma que esta é uma ferramenta necessária para entender a realidade, independente das influências. Segundo ele, “a matemática não é realmente a ciência dos números, é a ciência das relações: descreve as ligações e as trocas entre entes diferentes, tentando esquecer do que são feitos esses entes, abstraindo-os em letras, funções, vetores, pontos e superfícies” (p. 14). Assim, para apresentar sua primeira análise matemática do contágio, ele recorre ao modelo SIR.

De acordo com esse modelo, na epidemia, a humanidade se divide entre três grandes grupos: os Suscetíveis, os Infectados e os Removidos (SIR). Os Suscetíveis são aqueles que podem se contaminar; os Infectados são os contaminados; e os Removidos, são aqueles que foram infectados, entre vítimas fatais e curados, ou seja, que não podem mais ser contaminados. Conforme o mapa desenvolvido pela Universidade Johns Hopkins, até o dia 14 de maio de 2020, data em que este texto foi finalizado, o número de Infectados chegou a aproximadamente quatro milhões e meio, e os Removidos somam mais de um milhão e meio de curados e cerca de 300 mil vítimas fatais; num universo de aproximadamente sete bilhões e meio de Suscetíveis. Mas os cenários da doença mudam rapidamente. Quando *No contágio* foi concluído, apenas sete países eram considerados locais de risco: China, Cingapura, Coreia do Sul, Japão, Hong-Kong, Irã e Itália. Hoje, 188 países já registraram casos da doença.

Como aponta o escritor, a matemática é uma ferramenta que possibilita entender o que acontece por meio de representações, abstraindo do que são feitos os objetos representados. Porém, se por um lado as representações auxiliam no estudo da doença, por outro, elas nos reduzem a números, o que acaba gerando uma desumanização das vítimas. Quando ouvimos o número de vítimas pelo noticiário, não conseguimos dimensionar esse número, muito menos o sofrimento dessas pessoas e de seus familiares, que não conseguem ao menos enterrar os seus entes queridos, devido ao risco de contágio. A dimensão humana desses números fica mais evidente quando os jornais divulgam, por exemplo, imagens impactantes das inúmeras covas coletivas construídas para abrigar os corpos das vítimas acometidas pela Covid-19. Albert Camus nos faz refletir sobre essa desumanização quando escreve: “visto que um homem morto só tem significado se o vemos morrer, cem milhões de cadáveres semeados ao longo da história esfumaçam-se na imaginação” (2020, p. 41).

Além disso, no Brasil, a pandemia também escancarou a nossa profunda desigualdade social. De um lado, os mais privilegiados reclamam do tédio do isolamento. Quando esses apresentam sintomas da doença, se separam de seus familiares em cômodos confortáveis, ou até mesmo em outra residência. De outro lado, os menos favorecidos queixam-se de fome e falta de dinheiro. Uma grande parte deles, quando possui um teto para se proteger, compartilha apenas um cômodo com toda a família em aglomerados urbanos, sem condições de cumprir o isolamento prescrito pelas autoridades em caso de infecção. Por isso, em países como o nosso, onde a desigualdade social é um problema evidente, o medo das consequências dessa doença é ainda maior.

Outro fator matemático que é destacado no livro é a velocidade de contágio. Segundo o autor, na primeira fase, o contágio de uma epidemia cresce de maneira exponencial, e sua rapidez depende de um número indicado pelo símbolo  $R_0$ , que para a Covid-19 é, aproximadamente, dois e meio. Para conter a doença,  $R_0$  deve ser menor do que um, ou seja, quando cada pessoa infectada contamina, em média, menos de uma pessoa. Esse número pode variar, mas como ainda não temos anticorpos, remédio ou vacina para combater o novo vírus, diminuir sua velocidade de propagação, como diz o autor, só depende nós: “Se diminuirmos as chances de contágio, se corrigirmos nossos comportamentos para tornar mais difícil que o vírus passe de uma pessoa para outra,  $R_0$  diminuirá e o contágio retardará. [...] Reduzir o  $R_0$  é o sentido matemático das nossas renúncias” (p. 18). Contudo, para que isso aconteça, a renúncia deve ser coletiva.

Nesse caso, o autor afirma que a epidemia nos encoraja a realizar um exercício de imaginação, que em tempos normais não fazemos, de nos vermos como um organismo vivo,

como seres inextricavelmente ligados, ou seja, de voltarmos a ser uma comunidade, entendendo que ações individuais impactam no coletivo e devem ser realizadas a fim de atingir um bem comum: “A melhor decisão não é aquela tomada com base no meu benefício exclusivo. A melhor decisão é a que considera a minha vitória e, ao mesmo tempo, a vitória de todos os outros” (p. 32). Ele acrescenta que não gostaria de se esquecer disso, mesmo quando tudo estiver terminado.

Bakhtin (1981) entende que é na interação que os indivíduos se constroem como seres humanos e sociais, sendo essa interação desenvolvida por meio da linguagem, que é instrumento para a troca de influências concebida pelo diálogo. Contudo, tanto o relativismo quanto o dogmatismo excluem igualmente qualquer diálogo autêntico, tornando-o inútil ou impossível. Nesse sentido, Paulo Freire (2017) acrescenta que não há diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar crítico. Para o educador, não existe, tampouco, diálogo sem esperança, e que a busca por tal esperança não se faz no isolamento, mas na comunicação entre os homens, pois o diálogo “é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado” (2017, p. 109).

Giordano nos dá pelo menos duas razões para construirmos essa rede de solidariedade. A primeira, de caráter numérico, está relacionada à capacidade de atendimento dos hospitais. Segundo ele, apesar da maior parte dos Infectados não apresentar sintomas, estima-se que cerca de 10% dos Infectados precisam ser hospitalizados. Se todas essas internações ocorressem ao mesmo tempo, o sistema de saúde sofreria um colapso. A segunda razão, de caráter humano, diz respeito ao subgrupo de Suscetíveis, chamado por ele de Ultrassuscetíveis, que incluem indivíduos do grupo de risco, seja por razões de saúde debilitada ou por motivos socioeconômicos. Logo, os Suscetíveis também devem se proteger para proteger esse grupo mais vulnerável.

Se dentro de uma comunidade ocorrem interferências, na relação do homem com a natureza há outros fatores que interagem e influenciam na saúde humana. Segundo o autor, a ciência aponta que o novo coronavírus tem origem animal. Suspeita-se que um morcego portador do vírus tenha infectado outra espécie animal, supostamente uma cobra. Nela, o RNA do vírus mudou, tornando-se nocivo ao homem. Acredita-se que o novo vírus surgiu na China, em um mercado em Wuhan, no qual animais ainda vivos de espécies selvagens variadas são mantidos próximos às pessoas. Essa descoberta, como o autor aponta, fez com que muitas pessoas culpassem os chineses pela epidemia. Porém, segundo o fisiologista Jared Diamond:

Os principais assassinos da humanidade ao longo de nossa história recente, varíola, gripe, tuberculose, malária, peste bubônica, sarampo e cólera, são doenças infecciosas que se desenvolveram de doenças de animais, embora a maioria dos micróbios responsáveis por nossas próprias epidemias agora sejam, paradoxalmente, quase restrita aos seres humanos (DIAMOND, 2011, p. 196).

Diamond acrescenta ainda que quando domesticamos animais sociais, como vacas e porcos, que já sofriam de suas doenças epidêmicas, estamos propensos a sermos infectados. Esse foi o caso do vírus do sarampo, doença de alto contágio, que apesar de dispor de vacina, ainda atinge muitos países, inclusive o Brasil. Ele explica que o vírus do sarampo, por exemplo, é parente próximo do vírus causador da peste bovina, o que leva a crer que o vírus foi transmitido do rebanho para o ser humano:

A grande semelhança do vírus do sarampo com o da peste bovina leva a crer que o último foi transmitido dos rebanhos para os seres humanos e depois evoluiu para o vírus do sarampo, mudando suas propriedades para adaptar-se a nós. Essa forma de contágio não surpreende, porque muitos camponeses vivem e dormem perto de vacas e de suas fezes, urina, respiração, lesões e sangue (DIAMOND, 2011, p. 206-207).

Assim, a história registra diversas epidemias causadas por vírus de origem animal, surgidas em pontos distintos do globo. Culpar os chineses e seus hábitos alimentares “exóticos” pelo surgimento da pandemia só expõe nossos preconceitos e desvia o foco do problema para algo que, supostamente, seria um acidente pontual. Mas, a verdade é que a relação do homem moderno com os animais e com o meio ambiente se revela a cada dia mais insustentável. Isso se aplica, também, aos hábitos alimentares do homem moderno que, com o alto consumo de carne, além de provocar sofrimento aos animais e degradação ambiental, também compromete sua própria saúde. Assim, a busca por soluções, e não por culpados pontuais, deveria ser um compromisso da humanidade como um todo.

Paolo Giordano afirma que, se quisermos culpar alguém, deveríamos culpar todos nós. Para justificar sua afirmação, ele destaca que nossas ações de plano pessoal, aparentemente pequenas e cotidianas, interferem no plano global, e cita diferentes tipos de atividades e consequências danosas provocadas pelo homem na natureza, como o desmatamento, a criação intensiva de espécies, extinções e mudanças climáticas. Segundo ele, “nossa agressão ao meio ambiente torna cada vez mais provável o contato com esses patógenos, patógenos que até recentemente estavam tranquilos em seus nichos naturais” (p. 49). Nesse sentido, ele entende

que os vírus estão entre os refugiados da destruição ambiental, que são seres apátridas que procuram em nós, seres humanos, um ambiente favorável para viver e proliferar.

Essa reflexão nos faz pensar sob outra perspectiva: a do vírus. Compreender a doença do ponto de vista do vírus é importante para nos lembrar de que não somos os únicos que estão lutando pela sobrevivência no mundo, e de que outros organismos vivos também utilizam mecanismos de defesa e reprodução. Do nosso ponto de vista, por exemplo, as tosse e os espirros são alguns dos “sintomas” da Covid-19, mas, do ponto de vista do vírus, essas são estratégias evolutivas inteligentes para a disseminação da espécie. De acordo com Diamond (2011), muitos dos nossos “sintomas” de doenças são estratégias pelas quais os vírus se utilizam para modificar nossos corpos e se propagarem. Segundo ele, a mais enérgica delas “é a estratégia usada pelos micróbios da gripe, do resfriado comum e da coqueluche (tosse comprida), que induzem a vítima a tossir ou a espirrar, lançando assim uma nuvem de micróbios em direção aos possíveis novos hospedeiros”. Ou seja, os vírus, assim como nós, são produtos de uma seleção natural, e, no contágio, podemos perceber isso mais claramente.

O contágio nos faz enxergar que somos apenas mais uma espécie, convivendo com a consequência de nossos atos e de fenômenos globais que se entrelaçam de maneira enigmática, tornando a realidade cada vez mais complexa. No entanto, apesar disso, o autor afirma que nos tornamos cada vez mais refratários a essa complexidade. Enquanto cientistas trabalham para entender a dinâmica do novo vírus e descobrir a cura para a doença, e profissionais de saúde se arriscam para salvar vidas, as notícias falsas que minimizam a complexidade do contágio funcionam, segundo o autor, como uma epidemia, espalhando-se rapidamente entre os *smartphones*.

Os cientistas ainda não dispõem de respostas para todas as questões que se apresentam, por isso, baseada nas evidências científicas que se têm até o momento, a OMS orienta o isolamento social para evitar o contágio. Mas, mesmo depois do colapso dos sistemas de saúde ocorrido em alguns países e do número de mortes, muitas vezes subnotificados, causadas pela doença até o momento, pessoas ainda classificam a Covid-19 como uma “gripezinha”. Na era da pós-verdade, também encontramos leituras morais e explicações irrealistas sobre o assunto, que simplesmente negam as evidências científicas e a complexidade da realidade, sugerindo, por exemplo, teorias conspiratórias sobre a fabricação em laboratório do novo vírus. Diante desse cenário de complexidade, desconfianças e incertezas, precisamos acreditar e investir na ciência.

O sentimento de superioridade e dominação do homem moderno, e a ilusão de que a natureza foi feita para servi-lo, nos leva a uma constante disputa para dominar a natureza. Mas nos esquecemos de que fazemos parte dela. Na perspectiva do líder indígena Ailton Krenak

(2020), temos que abandonar o antropocentrismo, pois há muitas vidas além das nossas. Segundo ele, os únicos homens que ainda estão conectados de maneira equilibrada com a Terra são aqueles que ficaram esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Ele explica que esses homens são caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes; considerados uma sub-humanidade, uma comunidade rústica e orgânica que não integra o “clube selete” da humanidade. Houve um momento na história em que o homem se via como parte da natureza. Mas parece que essa noção se perdeu na humanidade moderna. A negação da ideia do homem como ser superior, como a medida de todas as coisas, e o reconhecimento da diversidade são noções que podem resgatar esse entendimento de que fazemos parte de um sistema e de que dependemos do seu bom funcionamento.

Não podemos mais pensar apenas na saúde local, da nossa comunidade, ou do nosso país. Na escala global, não há fronteiras. A medicina moderna nos munuiu de diversas armas eficazes no combate de endemias, como vacinas, antibióticos, equipamentos de qualidade e informações baseadas em análises científicas, mas isso não é suficiente. Na perspectiva de Harari (2020), para combater e prevenir o aparecimento de microrganismos nocivos ao homem, temos que dedicar esforços para criar um sistema de saúde global, pois, se em algum lugar do mundo que carece de assistência médica, um vírus consegue penetrar no corpo humano, então toda a espécie humana estará suscetível a abrigar o novo vírus.

A cooperação pode fazer a diferença no combate ao novo vírus. Não somos capazes de avançar sozinhos diante de tamanha desigualdade social. É preciso que os governantes desenvolvam também políticas públicas de assistência social. Além disso, o contágio nos faz perceber que é preciso mudar hábitos e rever conceitos, deixando para trás muito do que temos sido até aqui. Devemos desenvolver o sentimento de união que nos falta, para que possamos nos sentir parte de uma grande comunidade, ou seja, de um espaço baseado em laços de afeto e reciprocidade. Paiva (2003) entende a comunidade como uma metáfora para a construção de uma nova forma de laço social que produz comunicação a partir de uma experiência comum e permite aos indivíduos uma identificação afetiva com o ambiente que ocupam. Assim, é importante entender o meio ambiente como algo que temos em comum, que é matéria-prima para tudo o que sustenta a vida. Compreender que fazemos parte dessa comunidade desenvolve solidariedade. E é isso que devemos apreender neste momento para enfrentar esta pandemia e evitar outras doenças dessa natureza no futuro.

Giordano sugere valer-nos desse momento para dar um significado ao contágio e pensar no que a normalidade nos impede de pensar: como chegamos aqui e como gostaríamos de

retomar nossa vida. Ailton Krenak, por sua vez, escreve que, se voltarmos à normalidade, significa que não aprendemos nada com a morte de milhares de vítimas acometidas pela doença. Do ponto de vista de Harari, com sorte, a presente epidemia ajudará a humanidade a perceber o grave risco imposto pela desunião global. Acredito, assim, que quanto mais dividimos o mundo entre “nós” e “eles”, “vítimas” e “culpados”, “esquerda” e “direita”, “bons” e “ruins”, mais perdemos as noções fundamentais de união e interdependência. É importante nos desfazermos dessa visão dicotômica para nos tornarmos conscientes da complexidade múltipla da realidade.

A tomada de consciência, para Paulo Freire (1983), não se dá nos homens isolados, mas quando travam entre si e o mundo relações de transformação. Assim, a conscientização, como operação própria do homem, resulta de sua defrontação com o mundo, a partir de uma inserção crítica na realidade, o que só é possível devido ao seu caráter social. É na interação com a realidade, em toda sua complexidade, que o homem é capaz de entender seu lugar no mundo. Segundo o educador, “para o pensar ingênuo, o importante é a acomodação a este hoje normalizado. Para o crítico, a transformação permanente da realidade, para a permanente humanização dos homens” (2017, p. 115).

De toda crise nasce uma oportunidade. Microrganismos foram poderosos elementos de transformação na história. A esperança é que dessa pandemia alguma mudança emerja a partir das reflexões apresentadas aqui. A necessidade de colaboração que esse momento nos proporciona viabiliza uma maior habilidade de comunicação dialógica, desenvolvendo uma capacidade de escuta efetiva, que faz com que nos tornemos mais sensíveis à ecologia do sistema global. Pensar dessa forma possibilita somarmos forças para promover uma reparação coletiva nos alicerces da civilização a fim de construir uma nova sociedade fundada em relações mais conscientes, solidárias e responsáveis.

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **The Dialogic Imagination: Four Essays**. Austin: University of Texas, 1981.

CAMUS, Albert. **A peste**. Trad.: Valerie Rumjanek. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

DIAMOND, Jared. O presente letal dos animais domésticos. In: \_\_\_\_\_. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Trad.: Silvia de Souza Costa, Cynthia Cortes e Paulo Soares. 13. ed. São Paulo: Record, 2011. cap. 11, p. 195-214.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Trad.: Rosiska Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 63. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIORDANO, Paolo. **No contágio.** Trad.: Davi Pessoa. Belo Horizonte, Veneza: Editora Âyiné, 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY. **COVID-19 Dashboard.** Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>. Acesso em: 14 maio 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.